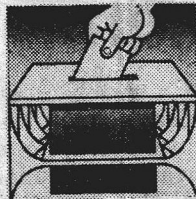


Brasil realiza maior campanha eleitoral

Com um saldo de números gigantescos termina hoje a campanha eleitoral para a sucessão do presidente José Sarney. Nessa corrida, 21 candidatos disputam 82 milhões de votos, sem medir gastos, fôlego ou distâncias. Alguns, como Covas, chegaram a percorrer 300 mil quilômetros, um



trajecto pouco menor do que o que separa a Terra da Lua. Outros, a exemplo de Maluf, abocanharam mil quibes nos intervalos de 120 horas de discursos. O campeão de horas faladas, porém, é Brizola, com 150 horas de comícios. Na contabilidade de Lula, constam 139 subidas a palanque em cidades de todo o Brasil.

O silêncio imposto pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) aos 21 candidatos à Presidência da República a partir da meia-noite de hoje dispara o relógio da ansiedade para 82 milhões de brasileiros que vão às urnas na quarta-feira — e encerra a maior campanha política já vivida pelo país. A abstenção de 29 anos sem votar, desde a



Antonio Batalha/AE

eleição de Jânio Quadros em 1960, explodiu numa movimentação popular sem precedentes, no rastro da maratona que cruzou, por meio da própria visita dos candidatos, pelo rádio ou TV, os 4.395 municípios do Brasil.

Os números envolvidos nessa campanha, que arrancou com as primeiras articulações já no início do ano e ganhou impulso a partir das convenções dos partidos encerradas até 15 de julho, são impressionantes a partir da quantidade de pretendentes à cadeira presidencial. Até quinta-feira, quando os juizes do TSE decidiram impugnar a candidatura do animador Sílvio Santos pelo PMB, o total de 22 candidatos era suficiente para montar duas equipes de futebol: o maior número de candidatos que já se apresentou numa eleição presidencial no País.

Pelo menos metade deles se lançou na disputa apenas para ganhar espaço no horário gratuito de rádio e TV com vistas a deixar uma fresta aberta para investidas políticas em futuras eleições de menor porte. Outra parte do grupo, no entanto, se envolveu numa campanha gigante que na reta final levou uma média de 2 milhões de pessoas por semana às ruas para comícios e manifestações.

O candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, que desde maio lidera as pesquisas de opinião, faz hoje em Maceió, ca-



U. Dettmar

pital do Estado que governou, seu 66º e último comício. Collor encerra uma corrida iniciada em junho, com um comício em Ribeirão Preto que consumiu milhões de dólares, mais de duas centenas de horas de voo e um total de 40 horas seguidas de discursos. Em 5 meses, Collor emagreceu 6 quilos.

Numa marcha vertiginosa contra o tempo e contra os índices dos adversários em seu encalço, Collor chegou a visitar



Mônica Maia/AE



Pedro Rocha/AE

até oito cidades por dia, num roteiro que se estendeu a quase 300 municípios do País.

Igual esforço fez o candidato do PSDB, Mário Covas. Desde que começou a viajar em campanha, em março, Covas voou cerca de 300 mil quilômetros o equivalente a quase oito vezes a circunferência da Terra. Foram 200 viagens para 800 cidades, 100 comícios e 1.200 sanduíches de queijo consumidos a bordo de aviões.

O candidato do PDT, Leonel Brizola, andou menos — mas falou mais. Ele viajou cerca de 70 mil quilômetros, passou por 77 cidades e gastou perto de 150 horas em comícios com seus habituais e longos discursos. Brizola visitou 24 Estados. Em alguns deles comentou sua campanha só nas capitais. Em outros, como no Rio Grande do Sul, São Paulo Minas e Paraná percorreu as maiores cidades do interior. O candidato do PDT inves-



Paulo Cerciar/AE

Em cinco meses de campanha, os candidatos saltaram muros, voaram a metade do caminho da Lua e gastaram muita sola de sapato: tudo pela cadeira de Sarney



Sérgio Vieira/AE

tiu pouco no reduto de seus principais adversários, Collor, do PRN e Lula, do PT. Esteve apenas uma vez em Alagoas e no ABC paulista, enquanto os candidatos do PRN e do PT cruzaram diversas vezes as fronteiras brizolistas do Rio.

"Vamos improvisar", comunicava sempre Brizola a seus assessores preocupados em marcar com antecedência seus compromissos de campanha.

Essa centralização da agenda provocou grande confusão. Foram muitas as vezes em que partidários, assessores e mesmo colaboradores íntimos do candidato anunciavam comícios em cidades diferentes no mesmo horário e local.

Com uma agenda perfeita, Paulo Maluf, do PDS, foi seu oposto. Se Maluf somasse suas 320 horas de voo, desde o mês de junho, poderia reivindicar o brevê de piloto executivo. Ele usou essas horas para percorrer 223 mil quilômetros, mais do que a metade da distância entre a Terra e a Lua. "Comi mais de mil quibes", contabiliza Maluf, que nunca conseguiu sair de uma cidade visitada sem provar a especialidade culinária da colônia árabe local.

Em suas andanças por 200 municípios em cinco meses e meio, sempre de avião, Maluf conseguiu gastar 2,3 milhões de litros de gasolina, o suficiente para encher, por exemplo, 57.500 tanques de automóveis pequenos como o fusca. Se tivesse que pagar por essa despesa — segundo ele coberta por empresários amigos —, teria gasto só com seus jatinhos, mais de NCz\$ 5 milhões, quantia que daria para comprar 37 Escorts, o carro mais caro do Brasil.

Pródiga em números contabilizados durante a campanha, ao contrário da de seus adversários, a assessoria de Maluf informou que apenas fora de São Paulo o candidato do PDS deu 260 entrevistas, em média com 20 minutos cada. Só para jornalistas, Maluf falou 86 horas sem parar. Somados a esses números os minutos gastos em 67 comícios que realizou, Maluf usou suas cordas vocais, tratadas com um total de três litros de mel desde o início da campanha, durante mais de 120 horas, ou cinco dias e cinco noites.

O campeão em número de comícios, no entanto, é o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva. Ele voou 200 horas e discursou 80 horas seguidas para fazer 139 discursos: 68 nas capitais e 71 em cidades do interior. A correria, porém, deu a Lula um balanço inverso do que para seus adversários: ganhou 10 quilos nos últimos meses. A causa, para o candidato, é ter parado de fumar.